

Construção do sentido no discurso de pacientes cérebro-lesados

Alexsandro Macêdo Saraiva
Universidade Federal do Ceará

ABSTRACT: *This paper discusses the way brain-damaged patients try to reconstruct their language. It specially focuses on aphasic patients attempts to reconstruct the meaning of words and statements in view of the limitations imposed by the lesion.*

PALAVRAS-CHAVE: *afasia; significado; reconstrução.*

Introdução

Neste trabalho são discutidos alguns pontos importantes no que diz respeito ao modo como sujeitos cérebro-lesados tentam reconstruir a linguagem. Procurando dar uma ênfase especial aos sujeitos afásicos, analisamos os possíveis recursos e estratégias utilizadas por tais sujeitos para reconstruírem o significado de uma palavra ou um enunciado, com vistas a suprirem as limitações impostas pela lesão.

Em um primeiro momento fazemos uma breve exposição sobre a visão de linguagem adotada aqui, cuja perspectiva teórica aponta-a como um instrumento extremamente dinâmico e flexível que veicula a inter-relação entre subjetividades, o que nos conduz a concepção da língua como um fato social.

Em um segundo momento, discutimos alguns processos cognitivos envolvidos na apreensão e expressão de significados pelos sujeitos cérebro-lesados em fase de reabilitação, onde são observados seus diversos níveis de comprometimento.

Por fim, tecemos algumas considerações finais sobre a importância do contexto no processo de reconstrução do sentido por tais sujeitos, que se revela como o ponto de apoio pelo qual tais sujeitos tentam resignificar e organizar os eventos, ações e objetos à sua volta.

1. A língua como fato social

Muitos autores e estudiosos estão de acordo em dizer que a linguagem se constitui como o meio de expressão, por excelência, dos processos intelectuais superiores, cuja função principal é a comunicação social e se constitui como o substrato na qual se desenvolve a cultura humana (Franchi, 1977; Luria, 1982; Possenti e Coudry, 1983; Possenti, 1995). Vigotsky (1998), em seus estudos sobre os processos mentais superiores, já definia a linguagem como o sistema simbólico básico de todos os grupos sociais, elemento mediador da relação entre o sujeito e o mundo.

Nesse sentido podemos dizer que a linguagem se constrói a partir de ações dirigidas ao outro na relação do sujeito com o mundo exterior, numa espécie de jogo dialógico onde se dá a construção conjunta da significação. Isto implica considerar que existem diversos processos aí envolvidos como, por exemplo, o jogo de negociação e partilha de pressuposições entre os pontos de vista dos interlocutores na interação lingüística, a aceitabilidade social de suas expressões etc.

Dentre diversos autores que se debruçaram em especificar as funções da linguagem, optamos pelas idéias de Jackson (1958) que, em sua análise estrutural, evidenciou cinco usos fundamentais da linguagem, que variam conforme a situação, o caráter e as atitudes de um indivíduo dentro da situação discursiva. A primeira delas é a *função afetiva* que objetiva a expressão das emoções, representada geralmente por interjeições e exclamações no

discurso. A segunda é a *função lúdica* que se traduz como uma espécie de jogo lingüístico, quando queremos memorizar ou brincar com as palavras, como, por exemplo, nas rimas. Uma terceira função é a *prática*, cujo objetivo é expor uma ação que se realiza. Essas três funções são consideradas pelo autor como as mais primárias ou inferiores que o sujeito desempenha desde cedo na sua vida. Posteriormente, surgem as funções ditas superiores que permitem ao sujeito entrar em um plano mais abstrato de interação com a realidade. Estas são a função *representativa*, onde as ações e fatos são definidos, explicados, organizados e enumerados, cuja característica principal é trazer à imaginação eventos ausentes ou situações que não existem mais; e a *dialética*, que permite entre outras coisas que o sujeito trabalhe com combinações simbólicas ao descrever ou contar o que se passa, como por exemplo no jogo metafórico.

Toda essa descrição serve para concluirmos, sem nenhuma sombra de dúvida, que a linguagem é um trabalho coletivo e histórico, fruto da *praxis* humana, carregando em si uma função social e, por esse mesmo motivo veicula sentidos que são não somente interpretados, mas também construídos na relação entre interlocutores, que estão sujeitos à contingências enunciativas e ântropo-culturais, como assinala Coudry (2000). Tal concepção se constitui como um ingrediente fundamental para a compreensão da (re)construção do sentido na situação discursiva normal, como também patológica.

2. A construção do sentido na interação verbal

Habitualmente, na atividade lingüística, as coisas se correlacionam de modo a apontar para um sentido. Isto pode ser observado claramente no ato discursivo onde falante e ouvinte esforçam-se para que o conjunto de conhecimentos sobre o mundo, crenças, opiniões, hipóteses e sentimentos presentes no plano mental (informação pragmática), tome a forma expressões lingüísticas inteligíveis, em uma situação específica de comunicação.

Isto pode ser observado claramente no modelo de interação lingüística proposto por Simon Dik (1989), onde ele traça o papel da expressão lingüística na comunicação entre indivíduos, que ele define como caráter pragmático da língua. Segundo o autor, a intenção comunicativa do falante é causar uma modificação na informação pragmática do ouvinte. Para isso ele cria um “plano mental”, onde antecipa a interpretação do ouvinte para deste modo construir expressões lingüísticas que atinjam tal fim. O ouvinte, por outro lado, se utiliza de sua informação pragmática para reconstruir o significado do que é expressado pelo falante. Deste modo ele afirma, segundo uma concepção funcionalista da linguagem, que são os papéis pragmáticos que governam o uso das expressões lingüísticas na interação verbal.

Mas afinal, o que tudo isto significa? Significa que o processo de significação na linguagem numa situação discursiva é profundamente marcado por um contexto, criando condições de interpretação. Coudry assinala tal aspecto ao afirmar que “*a situação ou o contexto não é somente um espaço geográfico e físico que se dá como variável para o processo de interpretação: é um espaço relacional que se tem no próprio discurso porque mesmo seus aspectos circunstanciais têm que ser vistos pela perspectiva que os participantes instauram e pela incorporação específica que estes fazem na incorporação do discurso*” (Coudry, 1996: 66). Em outras palavras podemos dizer que no processo de interpretação de um enunciado qualquer existe um sujeito pragmático que além das condições de interação verbal (informação pragmática, imagem que falante e ouvinte fazem um do outro, coordenadas modais, espaço-temporais e de pessoa etc), se utiliza também de um esquema referencial cultural e social formado de objetos, processos, ações, situações correlacionados em diversos graus.

Partindo dessa perspectiva é que podemos considerar que a construção do sentido perpassa por esquemas cognitivos complexos que derivam indubitavelmente das experiências vividas pelo sujeito em sua interação com o ambiente que o cerca. Por isso quando, por exemplo, alguém diz “*João saiu da casa lotérica muito feliz*” concluímos que João é homem, que casa lotérica é o lugar onde se fazem apostas, que feliz é um estado de alegria intensa e que se João estava feliz é porque provavelmente deve ter acertado na loteria etc. Como se pode ver, podemos compreender tal frase e interpretá-la, pois além de apresentar uma estrutura lingüística coerente, toda a bagagem de informação que ela traz (explícita e implícita) constitui uma parcela de todo o conhecimento de mundo que temos e compartilhamos uns com os outros.

E no caso de sujeitos que de algum modo perderam total ou parcialmente a capacidade de compreender e/ou expressar através de signos lingüísticos coisas e situações que se fazem presentes no ato discursivo? O que podemos imaginar é que tais sujeitos tentem utilizar novas estratégias, acionar novos *frames* e esquemas de modo a conseguirem compreender e se fazerem compreender na interação comunicativa.

Antes de continuar esse ponto, gostaríamos de aludir aos questionamentos de Morato (1998) quando diz “*o que perderia o afásico, quando se afirma que ele perde alguma coisa?*” e continua “*No primeiro caso, estaria perdida a capacidade de julgamento lingüístico; no segundo, perder-se-ia uma espécie de atitude consciente sobre os objetos simbólicos como um todo. De qualquer maneira, em ambos os casos, perder-se-ia um aspecto basicamente cognitivo da linguagem.*” (idem: 288) Com isso, autora quer afirmar entre outras coisas, que o que na verdade o sujeito afásico perde é a palavra. No entanto, não perde a sua capacidade discursiva, o que ela denomina de capacidade meta-enunciativa, marcando assim uma postura que afirma a existência de uma espécie de competência pragmático-discursiva que incorpora a competência cognitivo-lingüística na relação de tais sujeitos com a linguagem. Um exemplo claro disso pode ser observado no estudo realizado por Cazalato, citado por Morato (1998) sobre construções meta-enunciativas na enunciação de provérbios. Em seu estudo, o autor apresentou um provérbio a sujeitos afásicos para que fossem interpretados conforme eles achassem possível. Extraímos aqui um trecho do discurso de CF, um sujeito afásico ao tentar interpretar o provérbio “*Feliz é Adão que não teve sogra*”:

“É um provérbio conhecido, né? É muito usado, que é falar mal da sogra, então eu não falo mal da sogra, eu gosto da sogra, eu tive três sogras, né? Então dá para perceber, eu tive sorte com as sogras, é grande amiga, uma morreu, uma tá viva e a terceira mora perto de casa. Me dou bem com as sogras, esse ditado não é para mim”

Na análise do autor, esse provérbio para ser interpretado exige um conhecimento enciclopédico de mundo sobre quem foi Adão (primeiro homem criado por Deus, por isso não tem sogra), como também sobre a representação social do conceito de sogra no contexto de nossa sociedade. Devemos considerar também processos lingüístico-discursivos aí envolvidos como, por exemplo, o reconhecimento de objetos investidos de propriedades e relações semânticas (sogra/genro, marido/mulher etc), pressupostos culturais (inferências semântico-pragmáticas) envolvidos (ter uma boa sogra é questão de sorte, pois geralmente estas são tidas como megeras), a passagem do plano enunciativo do uso para o da menção, a influência dos sentidos na enunciação proverbial, fontes e pontos de vista enunciativos (observados nas leituras marcadamente subjetivas dos enunciados em sujeitos afásicos) e a recorrência à memória discursiva. Em outras palavras, não basta apenas um conhecimento semântico-lingüístico, mas também uma espécie de competência pragmático-discursiva para viabilizar a construção e interpretação de sentidos pelos sujeitos.

Morato (1998) corrobora com tais conclusões ao asseverar que “*é a partir da situação enunciativa e de seus constituintes que aquilo que o sujeito identificou na língua passou a ‘fazer’ sentido para ele*” (p. 291)

3. Apreensão e expressão de significados

Retomando a questão sobre como sujeitos afásicos tentam (re)construir o sentido dos enunciados na interação comunicativa, já temos agora um ponto de partida bem evidente: apesar de sua capacidade lingüística se mostrar acentuadamente afetada, tais sujeitos ainda se apóiam na sua capacidade discursiva como meio para a interpretação dos significados.

Trazemos aqui alguns exemplos que nos revelam algumas pistas dos processos cognitivos envolvidos na apreensão e expressão de significados pelos sujeitos cérebro-lesados em fase de reabilitação. O primeiro deles, extraído de minha pesquisa, é O. M., 43 anos, sexo masculino. Em um teste de reconhecimento de figuras, o uso de perífrases foi constante, algumas vezes não conseguindo associar a palavra ao objeto, tendo o pesquisador que dar algumas ‘pistas’ para que o sujeito resgatasse o significado.

P – Que objeto é esse?

O.M. – Não sei.

P. – O que você está usando nos pés?

O.M. – É para calçar...perai...sapato.

O que se mostra aqui é que o resgate do significado foi mediado por uma ‘pista pragmático-discursiva’, um contexto específico de sua realidade que possibilitou a apropriação semântico-lingüística do referente.

O. M., nesse caso, se submeteu ao que chamamos de tarefa metalingüística, na qual ele foi solicitado a nomear um objeto, que se encontra descontextualizado, fora de uma experiência que fizesse sentido para ele. Ao trazer esse objeto para dentro de uma experiência real, vivida por ele naquele

instante, criou-se um contexto que possibilitou um resgate de significado, ou seja, ele estava calçado com objeto na qual ele foi solicitado a dizer o nome e aquilo fazia sentido para ele. Além disso o fato de O.M. se sentir dentro de uma situação de interlocução com o pesquisador, facilitou significativamente o resgate da palavra em questão.

Eis aqui uma das mais pertinentes críticas ao artificialismo das tarefas de avaliação até então utilizadas para o diagnóstico das afasias. E isto se estende também a outros tipos de testes, como os de avaliação da linguagem, da aprendizagem etc que, ao utilizarem tarefas metalingüísticas e situações discursivas artificiais, privam o sujeito de um papel ativo na orientação do discurso, onde não criam uma relação de interlocução e, deste modo, as expressões verbais não encontram seu contexto.

Vejamos então uma situação discursiva na qual o comando corresponde a uma atividade lingüística habitual ou cotidiana. O exemplo, extraído de Coudry (1996: 90) mostra o investigador em visita à casa de N., (60 anos, sexo masculino) para um almoço. N. que demonstrava grande dificuldade de nomear objetos em tarefas metalingüísticas. Ao sentar-se à mesa, apresentou com grande facilidade cada um dos pratos que eles comeriam:

N. – Lasanha, frango, aqui salada, maionese, arroz. Fui eu que escolhi tudo.

Aqui fica claro que o referido sujeito se encontra amparado por uma situação significativa para ele, nos quais os significados apresentam-se amarrados a um contexto. Isto fez com que ele não sentisse dificuldade em nomear tais objetos, haja vista a atividade lingüística espontânea, onde os significados foram reconstruídos e partilhados entre os interlocutores.

4. Considerações finais

O que podemos observar diante do exposto é que a construção do sentido é um processo complexo permeado não somente por relações lingüístico-semânticas mas também pragmático-discursivas que amarram os significados dentro de esquemas e roteiros que pertencem ao campo das experiências de mundo vividas por um sujeito.

No universo dos afásicos, a perda da palavra se dá ao nível da memória do signo lingüístico, o que explica a sua inabilidade em usar processos cognitivos básicos como nomear

coisas e/ou compreender e formular enunciados. No entanto, é possível se resgatar a memória perdida do signo a nível do discurso, onde todo um complexo de estratégias pragmáticas complementa a construção de sentido nos enunciados dentro das condições de interação verbal.

Deste modo, nos processos de avaliação e reabilitação, estes sujeitos devem ser vistos acima de tudo como sujeitos *pragmáticos*, que têm esta instância como a estratégia mais significativa para a sua reinserção no mundo dos signos lingüísticos e, conseqüentemente no processo de interação verbal, mediador da relação entre *psique* e realidade.

Referências bibliográficas

- COUDRY, M^a I. H. (1996). *Diário de Narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes. 2^a ed.
- _____. (2000). Há linguagem na afasia: avaliação neurolingüística. *CDrom do XXX GEL*
- FRANCHI, C. (1977). Linguagem - Atividade Constitutiva. In *Almanaque*, 5, São Paulo: Brasiliense, 9-27.
- JACKSON, J. H. (1958) *Selected writings of Hughlings Jackson*. New York: Basic Books.
- LURIA, A. R. (1982) *Language and cognition*. Washington DC: V. H. Winston & sons
- MORATO, H. (1998) Afasia e heterogeneidade discursiva. In: GRIMM CABRAL & MORAIS (orgs.) *Investigando a Linguagem: ensaios em homenagem à Leonor Scliar-Cabral*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 287-295.
- COUDRY, M. I. H. & POSSENTI, S. (1983) Avaliar discursos patológicos. In *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 5, Campinas: IEL-UNICAMP, 99-109.
- POSSENTI, S. (1995) Língua: sistema de sistemas, in Benito Damasceno & Maria Irmã Hadler Coudry (orgs.) *Temas de Neuropsicologia IV*. São Paulo: Tec Art. p. 20-25.
- DIK, S. C. (1989). *Functional grammar*. Amsterdam: M.I.T. Press.
- VYGOTSKY, L.S. (1923/1998). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.